

ALICE NUM PAÍS DE MARAVILHAS – RECONTOS ESCOLARES

Darlize T. de Mello¹

Eliza Dias²

Introdução

O presente trabalho “Alice num país de maravilhas – recontos escolares” é composto por recontos da obra *Alice no país das Maravilhas*, produzidos por alunos do Jardim B e por alunos de uma Turma de Progressão de uma escola municipal de Porto Alegre. O trabalho teve por objetivo possibilitar a ampliação do repertório literário, desenvolvendo o processo de conhecimento da obra e autor, a análise de elementos presentes da história original, reflexões sobre a Inglaterra vitoriana, época da revolução industrial e os tempos atuais e comemorar os 150 anos da obra “Alice no país das maravilhas”, de Lewis Carroll, em parceria com a biblioteca escolar e o NECCSO/UFGRS (Núcleo de Estudos Sobre Currículo, Cultura e Sociedade). A modalidade de leitura socializada proporcionou que a professora lesse para os alunos uma determinada obra, em capítulos diários. Geralmente, nessa modalidade de leitura os textos escolhidos vão além da capacidade autônoma de leitura dos alunos seja pelo volume de texto da obra ou devido a um vocabulário ou tema mais complexo. (BALDI, 2009). Para esse trabalho foi, então, realizada a leitura socializada de cada capítulo da obra *Alice no país das Maravilhas*, de Lewis Carroll, traduzida por Nicolau Sevcenko (2015). Já a modalidade do reconto, sob as condições de “imitação do texto-modelo”, facilitamos a seleção de ideias para conseguir que os alunos possam se ocupar do escrever tendo a estrutura narrativa constituída. Para realizar a proposta de produção textual utilizamos a seguinte orientação: *Reconte a história que ouvimos, pensando que “Alice” caiu aqui, no bairro Bom Jesus, cidade de Porto Alegre/Brasil ou em um lugar inusitado, diferente, criado pelos alunos*. Esses recontos foram solicitados oralmente para os alunos do Jardim e por escrito aos alunos de uma turma de Progressão, de uma escola de ensino fundamental da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. Nas análises que seguem procuramos marcar que aspectos da obra trabalhada os alunos selecionaram, desprezaram ou modificaram em seus textos. É possível observar nesses recontos aspectos mantidos da estrutura da obra, própria do gênero e do tema, contudo para além da forma e estrutura textual muito da mistura entre o maravilhoso, fantasioso e a realidade local. Aprecie, então, os recontos.

Recontos orais - Jardim B2

O reconto transcrito a seguir foi realizado pelos alunos do Jardim B.

¹ EMEF Nossa Senhora de Fátima. Porto Alegre/RS – Brasil. Universidade Luterana do Brasil. Canoas/RS – Brasil.
E-mail: darlizemello@terra.com.br.

² EMEF Nossa Senhora de Fátima. Porto Alegre/RS – Brasil (In memorian).

ALICE VISITOU A “BONJA”

Era uma vez uma menina chamada Alice. Ela viu uma árvore **perto de uma escola**. Tinha uma criança no portão comendo uma bolacha Maria, que tinha oferecido uma bolacha para ela. O portão estava aberto. Alice seguiu a criança e **chegou a uma pracinha**. Ficou escondida no cantinho da escada. **Tinha muitas crianças brincando**. Veio um menino e convidou-a para ser seu amigo e brincar. **Alice brincou no balanço, escorregador e de casinha**. Tempo passou, Alice deu tchau e foi embora pelo portão da frente da escola. A menina andou pela vila e **chegou ao mercado da Nilda**. Estava com muita fome e pediu uma coisa para comer. A Nilda falou que não tinha nada e a mandou embora! **Daí ela dobrou numa rua, depois noutra, entrou num beco e depois no bequinho**, chegou à outra rua. Atravessou e viu outro mercado, mas como ela não tinha dinheiro, ela não entrou. Subiu um pouco e chegou até o posto. Então ela sentou no banco. Depois foi chamada para fazer vacina, no braço. Voltou ao mercado da Nilda e esta Nilda deu uns doces para ela vender. Depois que ela vendeu tudo, pegou o dinheiro e **comprou um folhado na padaria**. Passou um menino que, também não tinha comida e a Alice dividiu o folhado com ele. Após saiu da padaria e entrou no SASE para conhecer o lugar. Tinha muitas crianças brincando na casinha de boneca. Alice brincou e, como estava muito cansada, foi dormir. Acordou na casa dela e descobriu que tinha sonhado.

Reconto oral: Jardim B2

Esse texto coletivo produzido pelas crianças da educação infantil revela as questões: do gênero literário, do tempo, do real e imaginário. Sobre o tempo, embora toda a narrativa aconteça no passado, termina no tempo presente, quando diz: “*Acordou na casa dela*”. Outro aspecto importante e que as crianças tramitam com facilidade é a relação entre real e imaginário. A escola da história é a nossa escola, mas preferem não definir, mantendo algo de mistério para Alice descobrir: “*Ela viu uma árvore perto de uma escola. Tinha uma criança no portão comendo uma bolacha Maria, que tinha oferecido uma bolacha para ela. O portão estava aberto. Alice seguiu a criança e chegou a uma pracinha. Ficou escondida no cantinho da escada. Tinha muitas crianças brincando*”. O mesmo acontece ao situarem à vila Bom Jesus. Alice circula pela vila, vive cenas da vida cotidiana vivida pelas crianças como comprar um folhado na padaria: “*Voltou ao mercado da Nilda e esta Nilda deu uns doces para ela vender. Depois que ela vendeu tudo, pegou o dinheiro e comprou um folhado na padaria*”.

Considerando os aspectos da obra trabalhada podemos perceber o quanto as crianças se apropriaram da estrutura narrativa para poder recontar. Observa-se no reconto a passagem de Alice por diferentes lugares: “[...] *Alice seguiu a criança e chegou a uma pracinha. A menina andou pela vila e chegou ao mercado da Nilda. [...] Daí ela dobrou numa rua, depois noutra, entrou num beco e depois no bequinho, chegou à outra rua. Atravessou e viu outro mercado. [...] Subiu um pouco e chegou até o posto. [...] Voltou ao mercado da Nilda e esta Nilda [...] Após saiu da padaria e entrou no SASE [...]. Acordou na casa dela [...]*”, assim como na obra, Alice transita por diferentes lugares, as crianças fazem o mesmo ao apontar uma menina que não para de transitar. Assim como no conto de Lewis Carroll, Alice encontra personagens inusitados e faz coisas inusitadas, a menina do reconto faz o mesmo, embora o inusitado não seja tão inusitado, mas marcado por questões do cotidiano da infância no bairro Bom Jesus, em Porto Alegre: “*Tinha uma criança no portão [...] Alice seguiu a criança e chegou a uma pracinha. Ficou escondida no cantinho da escada. Tinha muitas crianças brincando. Veio um menino e convidou-a para ser seu amigo e brincar. [...] chegou ao mercado da Nilda. [...]. Subiu um pouco e chegou até o posto. [...]. Depois foi chamada para fazer vacina, no braço. Voltou ao mercado da Nilda [...] Passou um menino que, também não tinha comida e a Alice dividiu o folhado com ele. Após saiu da padaria e entrou no SASE para conhecer o lugar. Tinha muitas crianças brincando na casinha de boneca [...]*”.

Esse reconto mostra-nos, entre outras coisas, a importância deste tipo de trabalho e o grande conhecimento geográfico que as crianças têm do lugar onde vivem.

Já na Turma de Progressão o trabalho com a obra seguiu a seguinte sequência didática: leitura socializada da obra, análise do conteúdo e estrutura do conto, produção coletiva do texto, produção de recontos individuais ou em duplas e edição final. No reconto individual ou em duplas os alunos deveriam situar o que aconteceria com a Alice se ela caísse no bairro Bom

Jesus ou em um lugar desejado, inusitado, diferente. As escolhas dos alunos foram mais por lugares inusitados, embora com muitas representações do espaço onde vivem, vila Bom Jesus. As “Alices caíram”: em um jardim de rosas, no mundo do tráfico, no baile *funk*, em uma festa de 15 anos, entre outros lugares. O texto escolhido para análise do reconto é “15 anos de Alice”, de Tayssa A. M. S. e Cris Évelyn I. F.

15 anos de Alice

Autoras: Tayssa A.. M. S. e Cris Évelyn I. F.

Numa belo dia um a adolescente chamada Alice estava passeando com sua irmã Mariane, quando viu um menino que carregava um monte de balões. Ela resolveu seguir, viu que ele entrou numa toca e foi ver. Quando do nada caiu lá dentro. Não parava de cair. Ela viu uma cama, um roupeiro, um mapa, uns desenhos, uns quadros, umas estátuas, um pote de balão, um pote de pirulito, um pote de balas, uma cozinha, um banheiro e uns balões cheios.

Quando ela chegou no final do buraco caiu em cima de um monte de flores e viu um monte de portas. Uma mesa tinha um bolinho embaixo e uma garrafa em cima. Ela comeu o bolo e cresceu. Ficou assustada e começou a chorar.

Mas, de repente, começou a inundar aquela sala. Alice, então, pegou a chave e bebeu o líquido da garrafa, diminuiu o tamanho e a porta abriu.

Então ela viu uma grande festa de 15 anos. Nessa festa tinham muitas coisas de comer: docinhos, salgadinhos, refri e bolo. A festa estava decorada com balões, lembrancinhas, baner com foto, quadro com assinaturas e caixa de presentes.

Nessa festa tinha também uma estranha pessoa, com um chapéu maluco, chamada Chapeleiro Maluco. Ele fazia mágicas. Alice perguntou para ele de quem era a festa. Ele respondeu: - *A festa é sua minha cara Alice.*

Quando começou uma música, ela começou a dançar uma quadrilha, mas só que ela percebeu que estava sonhando, porque escutou: - *Alice, acorda, Alice.* E Alice acordou de repente.

E sua irmã perguntou: - *O que houve?* Alice fala: - *É que estava sonhando com minha festa de 15 anos e estava muito legal. Tinha um cara estranho, mas tudo que a gente sonha é verdade ou não.*

E Alice foi tomar banho e a irmã começou a dormir e começou a sonhar com a festa também.

Quadro 2: Reconto transcrito das alunas Tayssa Â. M. Souza e Cris Évelyn I. Fialho³

Na análise do reconto podemos perceber que as alunas se ativeram ao conto, não só em relação aos elementos narrativos de início e fim, mas também de coerência temática. O reconto apresentou introdução, corpo e final. Observamos no reconto algumas aproximações com a introdução do conto nos seguintes trechos: “*Num belo dia uma adolescente chamada Alice estava passeando com sua irmã [...] quando viu um menino que carregava um monte de balões. [...] Ela viu que ele entrou numa toca e foi ver. [...] caiu lá dentro, mas não parava de cair [...]. Quando chegou no final do buraco [...] viu um monte de portas [...]*”. Aproximações com os tópicos do conto-modelo: “*Uma mesa tinha um bolinho embaixo e uma garrafa em cima. Ela comeu o bolo e cresceu. Ficou assustada e começou a chorar. Mas, de repente, começou a inundar aquela sala. Alice, então, pegou a chave e bebeu o líquido da garrafa, diminuiu o tamanho e a porta abriu.*” ou “*Quando começou uma música, ela começou a dançar uma quadrilha [...]*”. Aproximações com personagens, com as interrogações constantes e presentes no conto original e com a fantasia no seguinte trecho: “*Na festa tinha também uma estranha pessoa com um chapéu maluco, [...] Chapeleiro Maluco, fazendo mágicas. Alice perguntou para ele: De quem é a festa? Ele respondeu: É sua cara Alice [...]*”. No final do reconto há

³ Devido ao espaço destinado ao número de laudas para este trabalho transcrevemos a produção das alunas.

também aproximações com o conto lido quando as autoras escrevem: “[...] *percebeu que estava sonhando. Escutou: Alice acorda, Alice. Alice foi tomar banho e a irmã começou a dormir e sonhar com a festa também*”.

É interessante observar que a ampliação do vocabulário também ocorreu, por exemplo o uso da palavra “quadrilha” foi uma nova apropriação, pois para os alunos dessa turma “quadrilha” tinha outro significado, estranharam a referência da palavra quadrilha durante a leitura do conto, pois quadrilha para eles era apenas um bando de ladrões. Também observamos alguns aspectos relacionados às questões de identidade juvenil, de gênero e da contemporaneidade nos trechos que seguem e na própria escolha do lugar em que Alice cai. Uma das autoras fará 15 anos no próximo ano e muitas alunas da turma fez 15 anos no ano em que o trabalho foi realizado (2015). “*Então ela viu uma grande festa de 15 anos. Nessa festa tinha muitas coisas de comer: docinhos, salgadinhos, refri e bolo. A festa estava decorada com balões, lembrancinhas, baner com foto, quadro de assinatura e caixa de presente [...]*”. Nesse sentido, “*baner com foto, quadro de assinatura e caixa de presente [...]*”, parece ser algo presente em festas da atualidade.

Esse trabalho evidencia, então, uma produção textual em que ao recontar as autoras criam e recriam outro conto, evidenciando a possibilidade de expressar uma interpretação mais “pessoal”, fazendo modificações ao conto-modelo, embora utilizando a estrutura do conto original, a organização temporal e algumas formas fixas de expressão.

Considerações finais

Com esse trabalho percebemos que o recontar não é o mesmo, em cada situação de produção, embora o conto fosse o mesmo, e servisse muitas vezes para organizar o ato de recontar, cada ato de escrita e de diferentes produções foi único, na medida em que conjugou diferentes Alices em diferentes maravilhas, por isso denominamos esse trabalho de *Alices num país de maravilhas*. O reconto, permite justamente isso, modificações, acréscimos, supressões, alterações... Afinal, quem conta um conto aumenta um ponto.

Referências

BALDI, Elizabeth. **Leitura nas séries iniciais**: uma proposta de formação de leitores de literatura. Porto Alegre: Editora Projeto, 2009.

CARROL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. Tradução Nicolau Sevckenko. São Paulo: Cosac Naify, 2009.